Bem-Te-Vi

DEZEMBRO DE 1954

O Natal do Ceguinho

(Para minha filhinha Zulmar recitar)

Que pensas, menino,
Menino ceguinho,
Sentado, sòzinho,
No banco da praça,
Olhando sem ver,
A gente que passa!?...

Cismando... Cismando...
Tu pensas em quê?
Quem passa e te vê
Assim pensativo
Se esquece que hoje
E' um dia festivo!...

Menino ceguinho,
Há tanta criança,
Que pula e não cansa
Em volta de ti!...
E tu, tão tristonho,
Não falas... Não ris!...

Tu fôste esquecido,
Menino ceguinho,
Ninguém se lembrou
Do teu sapatinho?!...
Quem sabe, menino,
De tudo afinal,
Que mais te entristece,
E' que hoje é Natal,
E tu encontraste,
Debaixo da cama,
Jogado pro lado,
Teu pobre sapato,
Vazio... Coitado!...

Que pensas, menino?!...
— Eu penso em Jesus,
Nos braços da cruz!...

— Senhor... Se me escutas:
Eu penso em Jesus,
Nos braços da cruz,
Tristonho, chorando,
Por ti e por mim!...
A fronte sangrando!...

— Eu penso, Senhor:
O mundo perdido!...
O ódio vencendo!...
Jesus esquecido,
Sofrendo, sofrendo!...
Sou triste, é verdade!...
Mas não de ser cego!...
Sou triste, não nego,
Mas não sem razão!...

— Senhor... se me escutas:
Sou triste, porque,
Os homens se negam,
De dar a Jesus
O seu coração!...

GESSE CARDOSO

Bem-Te-Vi

ANO XXXII • REVISTA MENSAL — Matriculada conforme o Decreto-lei n.º 24.776 de 14 de Julho de 1934 • **NÚM. 12**

Assinaturas avulsas: 1 ano .... Cr$ 35,00 / 2 anos ... Cr$ 60,00 / N.º avulso Cr$ 3,50 • Assinaturas em grupos de 10 ou mais, Cr$ 20,00 cada • Grupos de 10 a 39 receberão uma assinatura gratis

Nos grupos de 40 ou mais, o agente receberá uma coleção encadernada no fim do ano que prestou o seu concurso à revista

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi" - Caixa postal 8051 - S. Paulo

Redação e oficinas: Av. da Liberdade, 659

Gerente responsável: **Fernando Buonaduce**

★ São Paulo, dezembro de 1954

Redatora: **Hagar Aguiar Caruso**

NASCIMENTO DE CRISTO

ALFREDO STEIN

Há quase dois mil anos no Oriente
Nascia uma criança.
Trazia para os homens, para o mundo
Um hino de bonança.
Era de Deus, do seu amor profundo,
Mensagem de esperança
Para falar ao coração descrente.

Nessa noite, no céu, na imensidão
Por ter Jesus nascido,
Cantavam anjos — "Glória ao nosso Deus!"
Possa hoje ser ouvido
Cantarem anjos nos mais altos céus,
Por ter Jesus nascido
Dentro de vós, no vosso coração!

UM PRESENTE

"SO' TRÊS semanas mais e estamos no Natal! Exclamou Celina dirigindo-se ao seu mano Célio. "E não temos ainda nada escolhido para vovó!"

Célio e Celina eram gêmeos. "Bem, que adianta falar sôbre isso? Não podemos mesmo comprar nada! Estamos sem um centavo!" disse Célio.

"Mas, Célio, não acha que temos de fazer alguma cousa? Veja; estamos preparando o vaso para mamãe; porta-gravatas, para o tio José. Mas para vovó, que poderia ser? Mòrmente agora que ela está cega."

"Sabe?" respondeu o menino. "Dizemos a ela que lhe ficamos devendo um presente."

"Capaz!" retrucou prontamente Celina. "Dizer-lhe que ficamos devendo um presente?"

"Não é tão mau assim, Celina. Veja, não temos dinheiro. Mamãe disse que para o próximo mês as cousas vão melhorar para nós. Então..."

"Não, Célio; temos que providenciar algo para vovó neste Natal. E' a primeira vez que a vovó vai passar sem ver a árvore de Natal."

Nesse instante, ouviram a voz da vovó. "Que horas são, meninos?" perguntou ela:

"Quatro e meia", replicou Celina consultando o relógio. E Célio ligou o rádio no seu programa favorito. "Eu prometi ir à casa de Ester para ver o gatinho novo", disse Celina à vovó.

"Oh!", disse vovó, "como eu gostaria de ver o gatinho também."

Celina parou na porta. "Mas a senhora não pode ver..."

Vovó riu. "Não com os meus olhos. Porém os cegos aprendem a ver com os dedos — sentem. E gatinhos são tão macios, tão gostozinhos!"

Durante o trajeto, Celina ia imaginando se devia ou não pedir para levar o gatinho para vovó ver. Mas, lá chegando, enlevada, esqueceu.

À tarde, conversavam em casa. Célio dissera: "Na escola, temos que decorar poesias; e na Escola Dominical, decorar versículos da Bíblia. Eu detesto!"

"Que é isso, Célio? Que modos são êsses de falar!" repreendeu a mamãe.

Vovó suspirou. "Eu sòmente gostaria de ter aprendido mais versos e poesias no meu tempo escolar."

"Que?" perguntaram os dois admirados. "A senhora diz que gostaria de decorar?"

Vovó assentiu com a cabeça. "Temo que não haja feito o bastante quando tinha a sua idade. Mas agora..." e ela parou. "Bem, agora que não posso ver, tento recordar-me de todos os versos que eu costumava saber." Vagarosamente começou a repetir: "Olhai os lírios do campo..."

"Oh, vovó", disse o Célio; "eu gostaria que a senhora pudesse ver que linda flor tivemos na escola hoje!"

"Era uma camélia", interrompeu Celina.

"Deixe-me falar", disse o menino. "Tinha pétalas brancas, alvas como leite..."

"Eram tão delicadas que não se podiam nelas tocar..." falou Celina.

Célio zangou-se. "Por que você me interrompe? Eu comecei a falar primeiro."

Vovó veio em auxílio. "Meus netos, não quero que vocês se alterem. Mas é um encanto saber que vocês estão me emprestando seus olhos para eu ver."

De repente Célio chamou Celina para a cozinha. Fecharam a porta e

PARA VOVÓ

então êle disse: "Celina, já sei o que podemos dar à vovó pelo Natal: uma Bíblia".

"Você está brincando? Ela não poderia ler, mesmo que tivesse uma dúzia delas".

"Mas eu me refiro à Bíblia para cegos", explicou Célio. "Lembra-se que D. Otília nos falou sôbre isso na igreja?"

Celina sorriu satisfeita. "E' verdade, você tem razão. Assim ela não precisaria tentar recordar os versículos que tem de memória".

"Claro, não é?" continuou Célio entusiasmado.

"Mas êsses livros devem custar muito dinheiro. E como conseguir?"

"De qualquer maneira, vamos tentar. Amanhã falarei com D. Otília", disse Célio.

Célio quase não podia esperar até terminar a aula no dia seguinte. Mas antes de ir à casa da professôra, resolveu chegar até em casa para ver como ia vovó. Celina ficara para a aula de ginástica.

"Oh, vocês já estão em casa!" exclamou a vovó ao ouvir os passos de Célio.

"Sim", replicou o menino. "Vim para ver como a senhora está passando. E então, irei à casa de D. Otília."

"Estava justamente esperando por você." Disse a vovó enquanto às apalpadelas atravessava a sala.

"Que é que a senhora quer?" perguntou Célio ansioso de se ver livre para sair.

"Eu estou à procura de minha bôlsa", replicou a vovó.

"Ora vovó, está pendurada dentro do guarda-roupa!"

Vovó sorriu. "Sim. Eu me lembro agora que a sua mãe me disse havê-la guardado lá."

"Mas para que quer a senhora a bôlsa?"

E' isto. Sua mãe queria alguns morangos para fazer geléia; hoje o rádio anunciou uma casa que está vendendo bem em conta."

Célio tomou o dinheiro, e depois de ter o enderêço certinho, saiu correndo. Com a idéia de conversar com D. Otília sôbre a Bíblia dos cegos, resolveu ir lá primeiro e depois, na volta, comprar os morangos.

Mas D. Otília não estava em casa. Célio achou que podia esperá-la, brincando um pouco no quintal. Quando voltou e passou pela casa dos morangos, disseram-lhe: "Que pena; você chegou dois minutos tarde. Acabo de vender o último cestinho de morango". Vovó recebeu o dinheiro de volta. Célio sabia que ela estava desapontada.

No domingo Célio falou com D. Otília sôbre a Bíblia. Ao que ela explicou que a Bíblia estava escrita em Braile por trechos. Seriam tantos os volumes que êles encontrariam dificuldade em guardá-los em casa. E que iriam custar muito dinheiro também.

"Oh, eu não sabia!" respondeu Célio.

"Eu tenho certeza de que, se você e Celina pensarem um pouco, descobrirão algo que contente à vovó pelo Natal."

Mas, uma semana se passou, sem que êles conseguissem descobrir o presente para vovó. Os gêmeos estavam silenciosos e preocupados na sala da Escola Dominical. Nem a árvore de Natal já enfeitada e iluminada a um canto, nem o belo presépio

podiam alegrá-los. Quase não puderam prestar atenção na história que D. Otília contava. Era sôbre as dádivas que foram trazidas a Jesus. "Nossos presentes a alguém", disse ela depois da história, "tornam-se presentes reais quando são dados em nome dêle. Não podemos fazer ofertas como os Reis Magos e os pastôres fizeram. Mas quando fazemos algo por alguém que está em necessidade, por amarmos ao menino Jesus, estamos fazendo em seu nome! Isto é conservar o seu espírito vivo e real no mundo."

Célio olhou para Celina. Assim que terminou a lição, Célio levantou-se. Chamou Celina, e dirigiram-se à professôra. "D. Otília, lembrei-me de algo maravilhoso para vovó. Podemos arranjar um pedaço de cartolina?"

Até o último sinal, Célio e Celina trabalharam. Então D. Otília se aproximou da mesa. "Que lindo cartão!" exclamou ela. "Mas que significa? Aqui estão dois pares de olhos, lábios, mãos e pés."

"Veja dentro", disse Célio.

D. Otília começou a ler em voz alta: "Para a nossa querida vovó. Prometemos usar nossos olhos para contar-lhe o que vemos de belo; nossos lábios para lerem poemas e versículos da Bíblia para a senhora; nossas mãos e pés para o seu serviço. Célio e Celina".

"Que lindo presente de Natal!" murmurou D. Otília. E então disse: "Vocês querem deixar o seu presente ao lado do presépio, por um momento?"

Os gêmeos e D. Otília se ajoelharam. D. Otília disse: "A maior dádiva que podemos fazer, é dar-nos a nós mesmos em serviço de outros". E Célio e Celina ouviram como se fôsse uma suave oração.

A sala estava silenciosa. Então, de repente, foi invadida pela música. O órgão na igreja estava tocando: "Eis dos anjos a harmonia!"

Célio ergueu-se. "Temos que nos apressar. Prometemos encontrar a vovó na esquina de casa para trazê-la ao culto."

"Feliz Natal!" disse D. Otília.

"Todos teremos um verdadeiro Natal êste ano!" disse Celina.

A ÁRVORE DE PRATA

Bem depois que o carro desaparecia na estrada levando a mamãe e o papai para a cidade, Dirceu ainda ficou fora olhando a estrada que se perdia ao longe. Seus lábios apertados e seus olhos carregados denotavam a contrariedade que lhe ia ao coração. Fazia de conta que não via Eunice à janela. Eunice era culpada de êle estar ali nesse momento; culpada por êle não ter ido também à cidade.

"Por que haveria ela de machucar o pé justamente agora na véspera do Natal!" resmungou êle. "Gostei. Ela não vai poder usar seus sapatos novos! E ela não vai poder andar bastante! Bem feito! Mas o pior de tudo é que estamos nas vésperas do Natal. Ninguém aqui!" E êle, impertinente, empurrou com o pé o gatinho que tentava enrolar-se em suas pernas. "E eu não vou entrar em casa hoje o dia todo. Está!"

O velho pomar era um lugar agradável. Um coelhinho saltou da grama e passou correndo. Os passarinhos, acostumados ali, saltitavam no chão. Tudo isso era muito bonito; mas, não era como a cidade enfeitada para o Natal! As árvores de Natal nas vitrinas! O Papai Noel nas ruas! E o povo que vai e vem, que entra e sai fazendo compras de Natal! Pacotes e mais pacotes de papel colorido amarrados com fitinhas! E os rádios com música própria de Natal! E o presépio mecanizado! Há quantos dias vinha êle sonhando com a ida à cidade na véspera do Natal! E justamente agora, a Eunice machucou o pé! Ah! Dirceu não se conformava.

"E ainda sou obrigado a ficar em casa com ela!" Dirceu batia impaciente com a ponta do sapato num cêpo de árvore.

Desde que papai avisou que precisava ir à cidade tratar de negócios na véspera do Natal, Dirceu planejara ir também. Mamãe e Eunice iriam também: Mamãe para fazer compras; Eunice para ver vitrinas. Na volta passaria em casa da vovó para trazê-la para passar o Natal com êles. Então houve o grande transtôrno.

Dirceu remoía tôdas essas coisas em sua cabeça. Tentou não pensar em Eunice sòzinha em casa. Êle sabia que ela havia chorado quando a família saiu. Êle sabia que ela estava só e desapontada também, por se sentir culpada. Era o seu pé.

"Parece que tenho servido de dama de companhia desde pequeno! Estou cansado disto!"

Mas Eunice não era mais nenê. Estava

com nove anos e Dirceu com doze. Ontem no programa da escola ela lêra a história do nascimento de Cristo diretamente da Bíblia. E ela podia ler mais ou menos bem, e se orgulhava disso. Ela sabia jogar bola também. E preparar chocolate! Ela era muito boazinha e prestativa; raramente mostrava-se má. Êle lembrou-se do dia em que um menino novo na vizinhança veio e tentou puxar-lhe o nariz; e como Eunice levantando o bracinho ameçou-lhe um sôco por judiar do seu irmão. Ela parecia tão pequena e engraçada que os dois meninos começaram a rir. Tornaram-se amigos.

Dirceu lançou o olhar pelo pomar onde êles sempre brincavam; e tudo lhe pareceu triste e abandonado. O céu, estava nublado; um vento agudo começava soprar entre as árvores. Com um profundo suspiro encaminhou-se para casa.

Eunice levantou os olhos de um livro que tentava ler. Havia chorado. "Você não precisa ficar tão zangado comigo, Dirceu. Eu estou triste também. Não machuquei o pé por querer. Eu queria ir à cidade tanto quanto você."

"Ora, esqueçamos tudo isso", disse Dirceu impaciente. "Parece que vai chover e muito. Eu tenho ainda dois ou três pacotes para fazer. Onde está o papel e o cordão? Você já tem os seus prontos?"

Eunice sorriu diante da atitude meiga de Dirceu. Êle havia perdoado afinal. "Tenho tudo pronto menos o avental da vovó. Vou fazer isso agora."

Enquanto embrulhavam os pacotes e conversavam, Dirceu tentou esquecer. Mas a lembrança do presépio mecanizado não o largava e roubava-lhe o espírito do Natal. Ficaria contente quando tudo estivesse terminado.

Êle ficou satisfeito quando, feitos os pacotes a Eunice sugeriu preparar um chocolate com pipocas. Depois dêsse lanche, êle tomou uma revista para ler; Eunice recostou-se no divã para uma sesta.

Estava quente dentro de casa. Dirceu esqueceu seus dissabores distraindo-se com a leitura; de repente umas gotas de chuva bateram contra a vidraça e êle atirou longe a revista e olhou para o relógio. Como era tarde! Êle ficara lendo muito tempo! O pessoal já devia ter chegado há muito! Foi para a janela e olhou ansioso para a chuva que caía desejando ardentemente que ela parasse; mas ao contrário: ela foi apertando cada vez mais até que o quintal parecia transformado em um grande lago. Êle sabia que as vacas deviam ser recolhidas e as ovelhas também. Se o papai estivesse em casa, êle teria recolhido os animais de há muito. Aflito, vestiu a capa, as galochas; pegou o chapéu e saiu apressado.

Fora estava muito pior do que imaginara. O vento fazia com que a chuva batesse forte contra o seu rosto. Dirceu começou a correr, sabendo que tinha de trazer as vacas antes que o chão se tornasse muito liso. Se êle ao menos não tivesse ficado a ler tanto tempo! Que dia! Tudo estava saindo errado. E por que o pessoal não chegava nunca?!"

Levou muito tempo para êle conseguir recolher as vacas, pois elas estavam muito longe no pasto debaixo de um velho barracão, e não queriam enfrentar a ventania. A tempestade cada vez pior; a chuva caía gelada; Dirceu sabia que a estrada era lisa como uma superfície de gêlo. Enquanto trabalhava, sentia o mêdo gelar seu coração. Ficou a olhar atento pela janela através da chuva. Não havia sombra ou sinal do carro se aproximando. Já estava quase escuro. Alguma coisa devia ter acontecido. Êle voltou para entrar na sala de jantar pois Eunice devia estar com a sôpa pronta. Nisso ela abriu a porta assustada: "Dirceu! Dirceu! Depressa, depressa! Alguém quer falar com você ao telefone!" os olhos arregalados de Eunice demonstravam susto e mêdo.

A mão de Dirceu tremia ao tomar o receptor. "Alô!" Dirceu chamou. E então muito longe êle pôde ouvir a voz do seu pai. Êle mal podia respirar na ânsia de não perder uma só palavra do que dizia seu pai. Então, a voz desapareceu. A linha fôra interrompida pela tempestade.

Havia uma solidão terrível no coração de Dirceu ao voltar-se para Eunice. Era a primeira vez em sua vida que mamãe e papai ficavam fora de casa juntos, ao mesmo tempo. Dirceu sentiu-se mais velho, cansado e atemorizado.

"Era o papai?" Eunice perguntou ansiosa. "Onde estão êles? Vai tudo bem? Vovó está com êles? Conseguiram a árvore de natal? Oh, Dirceu, por que você não fala logo?"

"Vai tudo bem", Dirceu conseguiu afinal dizer. "Vovó está com êles; mas as estradas

estão perigosas; êles quase tombaram o carro numa ponte; vão ficar então em Cafelândia. Não virão para casa... esta noite."

Eunice olhava para o irmão incrédula. "Não virão... para casa esta noite?" repetiu ela. "Mas é a véspera do Natal! É quando cantamos juntos os hinos de Natal..."

Dirceu assentou-se e tentou pensar. Eunice começou a soluçar. Fora o vento soprava forte agitando com grande barulho as árvores; a chuva batia nas vidraças.

"Que faremos agora?" perguntou Eunice.

"Fazer?" Dirceu hesitava ao olhar o rostinho da Eunice banhado em lágrimas. "Ora, eu acho que temos que fazer como sempre. Festejar o Natal."

"Mas não podemos ter Natal sem a mamãe, papai e vovó. E onde arranjarmos uma árvore?" perguntava Eunice.

"Oh, cortaremos alguma no quintal e daremos um jeito", disse Dirceu quase desesperado. "Mas primeiro, vamos comer alguma coisa. Estou morrendo de fome. Nem se pode pensar assim, não é verdade?"

Eunice enxugou os olhos. "Vou aquecer a sopa que a mamãe deixou pronta. Ela deixou torta de limão também."

"Onde vai você arrumar uma árvore de Natal?" perguntava Eunice enquanto tomavam a sopa. "No jardim?" E ela já quase sorria. "Ou talvez daquele cedrinho que temos no quintal da frente."

"Bem, senhorita; foi boa sua idéia. Posso cortar uns galhos do cedrinho. Vovó disse que quando ela era criança, usavam qualquer tipo de árvore da mata e a enfeitavam com algodão e papel brilhante. Podemos fazer assim."

Os olhos de Eunice começaram a brilhar enquanto cortava a torta.

"Podemos enfeitar-lhe os galhos com papel alumínio, aquêle que a mamãe usa para os sanduíches. É melhor do que branco, e brilha muito mais. Teríamos uma árvore de prata! Oh, Dirceu, eu seguro o lampeão na janela para iluminar-lhe o quintal. Vamos depressa. Termine logo a sobremesa. Quase não posso esperar mais."

Mais uma vez, lá foi Dirceu para o quintal enfrentando a tempestade. Estava muito pior do que da primeira vez. O velho cedrinho parecia querer vir abaixo à fúria do vento. Finalmente Dirceu cortou dois galhos e os trouxe para dentro. "Devemos estar contentes e gratos a Deus por estar nossa família salva em Cafelândia." Disse Dirceu enquanto tirava a capa. "Nenhum ser humano suportaria ficar muito tempo fora. O vento parece quase furacão..."

Êles juntaram os dois galhos e fizeram com êles uma árvore quase perfeita. Então colocaram-na num grande vaso de barro em frente a janela da sala de visitas.

Dirceu cortou as fôlhas de alumínio e Eunice envolveu-as nos galhos; e a pequena árvore começou a brilhar e a tremeluzir parecendo quase viva.

"É a árvore mais linda que já tivemos", dizia Dirceu enquanto pendurava alguns enfeites coloridos nos ramos de prata. Por fim, prendeu no tôpo da árvore a estrêla brilhante; e então com uns passos para trás, puseram-se a admirá-la.

"É preciso mais luz direta", disse Eunice passando o lampião da mesa para a janela. "Eu quero que ela brilhe tanto que todos possam vê-la!"

"Com êste temporal?" Dirceu meneou a cabeça. "Está horrível! Ninguém fica fora de casa esta noite."

"De qualquer maneira, queremos que ela brilhe mais", disse Eunice contente, enquanto colocava outro lampião no peitoril da janela. A àrvorezinha faiscava, tremeluzia... Cada galho prateado parecia um raio de luz. "Ei! nós quase esquecemos os presentes", disse Dirceu correndo para o quartinho e voltando logo em seguida com as caixas.

Êles estavam colocando os últimos pacotes debaixo da árvore quando ouviram uns passos fora no alpendre. Eunice agarrou-se ao braço de Dirceu enquanto ouviam os passos pesados se aproximando... até que ouviram uma pancada na porta.

Dirceu parecia paralisado de mêdo. Quem seria? O que seria? Quem estaria fora numa noite como essas? A pancada se fêz ouvir novamente um pouco mais forte, acompanhada de uma voz. Dirceu prendeu a respiração e munindo-se de coragem, depois de exclamar "Oh, Deus, ajuda-nos" foi abrir a porta.

Um homem alto e magro entrou ràpidamente; suas vestes estavam escorrendo água; suas faces brancas e molhadas. Trazia um volume nos braços.

"Vimos sua luz... Tome a criança enquanto vou buscar minha mulher e filhos; êles

não agüentaram andar mais." E voltou para a tempestade, deixando o nenê nos braços de Dirceu que, atônito, não conseguia dizer uma só palavra.

"Um nenê!" exclamou Eunice. "Deixe-me carregá-lo."

Em poucos minutos o homem estava de volta, trazendo pela mão um menino e noutro braço um menorzinho. Uma pequena, exausta mulher vinha quase arrastada apoiando em seu braço.

Quando estavam todos dentro, o homem disse: "Moreira é o nosso nome. Maria, Felício, Júnior e o nenê."

Finalmente Dirceu conseguiu falar. "Eu sou Dirceu Morais; esta é Eunice, minha irmã. Nossa família está parada em Cafelândia também, por causa da tempestade. Deixe-me ajudá-lo", e êle começou a tirar a roupinha molhada das crianças, os sapatos, enquanto Eunice trazia alguma roupa enxuta para êles vestirem.

"Temos bastante sopa", disse Eunice depressa. "Vou servir-lhes quentinha; isso vai ajudar."

Enquanto comiam, o Sr. Moreira começou a relatar que vinham da cidade para a fazenda de seus pais a fim de passarem o Natal reunidos em família. Mas as estradas tornaram-se intransitáveis com o temporal e o seu carro estava encalhado no lamaçal. Então começaram a caminhar na direção de uma única luz que divisaram dentro da escuridão da noite.

"E a luz era justamente a única esperança para nós", disse o Sr. Moreira com a voz cansada. "E nós perdemos o caminho; escorregamos, caímos na lama, em poças de água... Então o temporal apertou, e perdemos de vista a luz que era a nossa esperança. Quase nos perdemos um ao outro, tal a escuridão." E êle olhou para sua família, como se não pudesse acreditar que estavam todos salvos do terrível temporal.

"Mas encontramos a luz outra vez", continuou a história a senhora Moreira. "Ela surgiu de novo mais brilhante ainda do que antes. Era tão brilhante, tão brilhante como se fôsse a estrêla do Natal que guiou os magos há tanto tempo à manjedoura de Belém." E ela sorriu maravilhada ao Dirceu, Eunice apertou o filhinho de encontro ao coração. "E nós seguimos a luz, — a luz de prata — e encontramos um teto, amigos, paz e boa vontade."

As palavras caíam suaves como uma prece; e Dirceu maravilhado, lembrava de quão longe estavam dêle aquela manhã a paz e a boa vontade! Êle olhou para Eunice e o seu sorriso era cheio de verdade e calor. "Paz e boa vontade", êle pensou com profundo entendimento. "Estão em tôda a parte; é bastante que tentemos encontrá-las! Mas acima de tudo, estão em nossos corações."

Mais tarde, quando a família Moreira foi para a cama, Dirceu tomou o lampião e foi ao estábulo para certificar-se de que os animais estavam seguros para passar a noite.

Quando voltou, Eunice dormia debruçada sôbre a mesa da cozinha, a cabeça sôbre os braços no meio de papéis e fitas e uma pequena pilha de pacotinhos ao lado. Debruçando-se sôbre ela, Dirceu pôde ler os nomes dos membros da família Moreira. Um sorriso de contentamento espalhou-se em seu semblante. Cuidadosamente levou mais êsses pacotes a juntar-se aos demais debaixo da árvore. Voltou-se e tocou de leve e com amor os ombros da irmãzinha.

"Acorde, Eunice. Já é tarde. É quase Natal. Vamos, tire o sapato; eu o desamarro para você."

Eunice se espreguiçou sonolenta e ergueu um pé. Dirceu desatou-lhe o sapato e tirou-lhe a meia. Então tirou a atadura do outro pé e olhou o corte que lhe havia causado tanta mágoa e revolta. Como por um milagre, estava completamente são.

O PRESENTE DE NATAL

Arnaldo não se podia conter enquanto abria os pacotes de presentes de Natal. Sentou-se no chão ao lado da árvore com papéis de sêda, fitinhas e caixinhas ao seu redor. Então ouviu um barulhinho.

Fôra um simples ruído mas que fêz o coração de Arnaldo bater depressa; seus olhos tornaram-se mais brilhantes que a estrêla que brilhava no tôpo da árvore de Natal. Era um cachorrinho! Arnaldo tinha certeza!

Escutou. O barulho parecia vir da porta da frente. Arnaldo abriu esta e aquela porta, até que... lá do lado de fora estava a maior maravilha do mundo! Era um amor de cachorrinho com uma mancha preta ao redor de um ôlho; uma orelha alevantada e a outra caída. Arnaldo tomou-o nos braços e entrou correndo em casa.

"Veja, mamãe. A senhora conhece presente de Natal mais lindo e querido que êste?"

Arnaldo sabia que agora não ficaria mais só. O cãozinho seria seu companheiro. Chamá-lo-ia Malhado devido à mancha preta que tinha ao redor do ôlho. Arnaldo sentia-se muito só desde que se mudaram para esta nova casa; ainda não tinha amigos; não tinha conhecimentos; porém, agora tinha o Malhado!

Arnaldo ficou surpreendido ao notar que mamãe não fizera apreciação alguma com respeito ao cachorrinho. Um pensamento terrível veio-lhe à mente. Suponhamos que Malhado não seja um presente de Natal de verdade! Suponhamos que êle pertença a alguém!

Arnaldo sentiu que as lágrimas lhe vinham aos olhos, mas engoliu-as depressa. Êle teria que encontrar o dono de Malhado!

"Mamãe, posso ir pela vizinhança e tentar descobrir o dono do cachorrinho?"

"Sim, Arnaldo", respondeu a mamãe. Arnaldo sabia que êle possuía a melhor mãe do mundo. Ela alisou-lhe os cabelos e disse com carinho:

"É isso meu bom rapaz. É justamente o que você deve fazer, filho. É o certo."

"Mas mamãe, se eu não encontrar o dono do cachorrinho, posso ficar com êle?"

"Sim, Arnaldo", respondeu a mamãe. "Mas seja justo. Faça o melhor possível por encontrar o dono."

"Farei tudo, mamãe!"

Arnaldo tomou o cachorrinho nos braços e saiu. Na primeira casa apareceu à porta uma menina. Quando ela viu a cabecinha do cãozinho ela riu.

"Que cachorrinho gozado!" disse ela. "Êle sempre anda assim com você debaixo do seu paletó, só com a cabecinha de fora?"

"Oh!..." Arnaldo teve um suspiro de alívio. "Então êle não é seu?"

"Não. Mas bem que eu gostaria que fôsse. Meu nome é Margarida. Mudei-me para cá

há alguns dias apenas. Ainda não conheço ninguém na vizinhança."

Arnaldo riu. "Eu também. Mas nos conhecemos agora, não é? Podemos brincar juntos. Você quer ajudar-me a procurar o dono dêste cachorrinho?"

"Espere-me um instante," disse Margarida.

Na casa seguinte atendeu um cavalheiro muito amável. Arnaldo perguntou: "É seu êste cachorrinho? Êle apareceu na minha casa e eu achei que devia procurar-lhe o dono."

"Ora, é meu sim. Êle é um dos filhotinhos de Cristal. Entrem; estou ajudando minha espôsa. Ela está assando bolos e eu experimento um pedacinho de cada um para ver se estão bons."

Num instante Arnaldo e Margarida viram-se numa cozinha quente e confortável, cheirando a bolos e doces. Arnaldo contou-lhes como o cachorrinho apareceu em sua casa, e como fôra tentado a ficar com êle por ser muito só. "Mas êle me encontrou uma amiguinha", disse, indicando a Margarida.

"Eu acho que seria uma ótima idéia, Arnaldo", disse o cavalheiro olhando significativamente para sua espôsa, "você ficar com o cachorrinho. Nós temos Cristal, sua mãe, e já nos é bastante para cuidar. Além disso, um cachorrinho como Malhado exige um dono que possa andar depressa, correr e brincar para que êle aprenda e se divirta, não é?"

"Oh, obrigado! Muito obrigado!" disse Arnaldo. "Eu farei tudo para ser um bom dono e mestre. Dar-lhe-ei banhos, e ensinar-lhe-ei alguns truques também."

Margarida olhou para Arnaldo e sorriu. "Então até logo agora", disse Arnaldo. "Quero contar à mamãe. Obrigado pelo maravilhoso presente de Natal!"

DIÁLOGO PARA O NATAL

Mãe: —

Filhinho aos meus braços vem
e responde com presteza:
Qual foi o Rei que em Belém,
teve tão pobre realeza?

Filho: —

Minha mamãe, já disseste
que em nossas almas reluz
o ensino, que nos deste,
de um que chamou-se Jesus.

Mãe: —

Respondeste muito bem,
por isso, dize ligeiro:
qual outro nome êle tem?
dize depressa, brejeiro!

Filho: —

Minha mãezinha, bem sei,
é nome tal como mel
o nome do nosso Rei,
pois chama-se Emanuel.

Mãe: —

Gosto de ver a presteza
com que respondes a mim;
espero que com viveza
a todos fales assim.

Enfim, tu vais nos dizer
se Emanuel se traduz,
se em português podes ter
palavra de tanta luz?

Filho: —

O meu engenho é mui tôsco
para solver tal questão,
sei, porém, que Deus conosco
é sua interpretação.

J. d'A. G.

Sinais do Natal

MUITOS são os sinais que Deus dá ao homem. Os que amam a Deus e seguem os seus caminhos, reconhecem êsses sinais. Felicidade, prosperidade, paz, são todos sinais do amor de Deus e do seu cuidado para com o homem.

O povo que conhecemos através do Velho Testamento conhecia muitos sinais de Deus. Êles aprendiam que quando adoravam a Deus, amavam-se mùtuamente; quando se mostravam bondosos e amáveis, tinham prosperidade e paz. Prosperidade e paz eram portanto os sinais de que estavam andando com Deus. Quando êsse mesmo povo deixava o egoísmo, e o ódio tomar lugar em seus corações, era acometido de dificuldades, discórdias, e por conseguinte tornava-se infeliz.

O povo sábio seguia os sinais de Deus.

Aconteceu há quase dois mil anos que um grupo de pastôres guardava seus rebanhos nas colinas nas proximidades de Belém — a cidade que era chamada a cidade de Davi. Os pastôres eram homens calmos e bons, que se entregavam a sérios pensamentos enquanto se assentavam sob as estrêlas durante longas horas. Pensavam sempre em Deus, na sua bondade e misericórdia; no seu grande amor. Devido a essa vida calma nos campos, êles tinham mais oportunidade de pensar em Deus do que os que viviam nas cidades no meio do lufa-lufa.

A noite os encontrou na colina. Estrêlas brilhavam no céu. As ovelhas, reunidas, estavam quietas, si-

lenciosas. Os pastôres descansavam no chão. O dia que se passara fôra como um outro dia qualquer de pastorear. De repente, enquanto conversavam, viram no céu uma estrêla de singular tamanho e brilho sem igual. Sentaram-se alertas, interessados, pois nunca nas noites que haviam passado nas colinas, haviam visto estrêla semelhante.

Abrigando os olhos com as mãos, observaram a estrêla. E, gradualmente, enquanto observavam, a colina onde êles estavam foi tomada de radiante luz. Êles, atemorizados com o brilho daquela luz, caíram com o rosto em terra. Enquanto tremiam possuídos de grande mêdo a ponto de não levantar nem mesmo a cabeça, veio um anjo, que, pondo-se no meio dêles, disse-lhes:

"Não temais; pois eu vos trago novas de grande alegria que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu na cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo o Senhor."

Os pastôres, atemorizados não ousavam erguer o rosto. O anjo falou de novo: "E eis para vós o sinal: encontrareis uma criança envolta em panos e deitada numa manjedoura".

O ar encheu-se, então, de música celeste. Uma multidão de anjos cantava: "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra entre os homens".

A música cessou; os anjos se foram, e o silêncio caiu de novo sôbre os campos. Vagarosamente os pastôres ergueram-se do chão. Interrogavam entre si, os corações cheios de surprêsa e alegria. Em seus ouvidos ecoava ainda a música celeste; e, admirados repetiam as palavras do anjo: "Pois hoje vos nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é Cristo o Senhor".

Os pastôres disseram: "Vamos a Belém e vejamos o que aconteceu, o que Deus nos tem revelado".

Desceram a colina. Antes do alvorecer, os pastôres estavam em frente do estábulo. Dentro avistaram José, um carpinteiro de Nazaré, e sua jovem espôsa Maria. Sendo descendentes do Rei Davi, vieram com os demais a Belém para o alistamento. Chegando na cidade já muito tarde, não encontraram mais lugar nas hospedarias. Por isso acomodaram-se num estábulo, na manjedoura. Entraram e contaram a José e Maria das maravilhas que haviam presenciado durante a noite nas colinas; falaram também do sinal que o anjo lhes havia dado. Ao voltarem para os campos, glorificavam e louvavam a Deus pelo que haviam ouvido e visto.

Se outros, além dos pastôres, ouviram o côro celestial, não sabemos. Mas sabemos que êles contaram e recontaram a história do anjo — o sinal que o anjo deu e as boas novas que o anjo trouxe. O povo deixava as ruas para encaminhar-se ao estábulo — estrangeiros que vieram de longe; pessoas da cidade que saíam de suas casas; mercadores que saíam de suas lojas. Com grande admiração e respeito repetiam: "E' nascido... hoje na cidade de Davi um Salvador que é Cristo o Senhor..."

No oriente, três reis magos viram a estrêla que era mais brilhante que tôdas as outras vistas até então. Os magos montaram seus camelos e seguiram a estrêla.

Naquela noite, os magos se certificaram de que Deus havia dado o sinal — o seu sinal. Sua promessa estava cumprida. Um novo Rei era nascido! Um Salvador viera ao mundo!

Na ocasião do Natal, quando o povo corre pelas ruas apinhadas, braços cheios de presentes, é sinal de que seus corações estão cheios do espírito de dar que é uma parte do amor de Deus. Quando virmos aquêles que procuram cuidar dos necessitados que ainda encontram tempo para falar uma palavra de amor e esperança ao próximo, é sinal de que em seus corações encontraram o Salvador.

Quando meninos e meninas mostram bondade, auxílio e dedicação aos pais, professôres e amigos, é sinal de que seus corações estão aquecidos com o amor daquele cujo aniversário celebramos no Natal.

SEMANA MÁGICA

DOMINGO:

Eu volto meus pensamentos para Deus; minha mente está cheia de pensamentos honestos, justos, puros e amáveis.

SEGUNDA:

Eu sou livre. Deus é amor e habita em meu coração.

TÊRÇA:

De todo o coração reparto com outros as bênçãos e alegrias que venho recebendo.

QUARTA:

Hoje eu serei bondoso e verdadeiro.

QUINTA:

Entrego a minha vida aos cuidados de Deus, sabendo que Êle muito me ama.

SEXTA:

Elevarei o meu coração e cantarei; pois Deus está comigo em todos os momentos.

SÁBADO:

Colocarei o meu coração em tôdas as dádivas de Natal.

Para Você Colorir

ALGO PARA O NATAL

José estava preocupado.

"Que há com você, José?" perguntou a mamãe. "Posso ajuda-lo?"

"O natal está às portas", disse José. "Eu gostaria de ter alguns cartões para enviar aos amigos. Todos na cidade compram cartões; mas eu não tenho dinheiro bastante para isso!"

"Bem, você mesmo poderá fazêlos", disse a mamãe. "Você tem papel verde; eu tenho uma sobra de lã branca, ainda da blusa de Anita. Eu estarei pronta a ajudá-lo no que precisar."

E foi isto o que mamãe e José fizeram.

Primeiro: — Dobraram um pedaço de papel de desenho, branco, de 4 pol. por 7 pol., em três partes de maneira que as duas extremidades se encontrassem no centro como indica a figura 1.

Então José e mamãe cortaram diversos pedaços de papel que serviriam de molde para as decorações. Dêsse papel êles cortaram pinheiros de natal de diversos formatos. (Fig. 2).

José escolheu os formatos que mais lhe agradaram e traçou-os em papel verde. Cortou-os e colou-os no lado de dentro do cartão. Êle e mamãe colaram lã branca entre os galhos como se fôssem cordões.

José fêz um cartão para todos os seus amigos. Fechou os cartões com selos de natal. Escreveu os nomes com todo o carinho, e assim êle presenteou os seus amigos.

O ETERNO NATAL

Daria Gláucia Vaz de Andrade

Abro o Livro, vovó, aquêle Livro
que você lia com ternura infinda
e na mesma ansiedade de criança,
releio a velha história do Natal...
e lenta, lentamente, vovòzinha,
as páginas virando, vou sentindo
de longa antigüidade, muito além,
um perfume sutil que vem surgindo
das campinas floridas de Belém...
E sobe, pelo ar, suavemente,
perdido na distância das alturas,
um murmúrio de vozes, vozes de anjos
rasgando a espêssa paz dessas planuras.
E do fundo da noite constelada
vejo surgir — doce visão de Luz,
a lâmpada de Deus — estrêla linda
p'ra clarear a choça de Jesus!

Agora, vovòzinha, o Livro fecho,
mas vejo o mundo — livro colossal,
as velhas fôlhas, denegridas, sujas
da poeira das guerras e do mal,
por séculos esparsas
como levadas por um vendaval!
Mas eu tenho, vovó, tenho esperança
com a mesma fé dos tempos infantis
que o mundo inda será um livro novo,
todinho de gravuras
e paisagens de rútilo matiz.
E trago ao coração uma certeza
que atravessou comigo tôda a infância
— pura e sem igual:
— um dia, a divina criança de Belém,
pequena se fará mais uma vez
para caber em cada coração...
E na luz infantil da estrêla santa
levaremos n'alma esta alegria
quais sininhos da noite festival;
e no mundo de Deus, linda, tão linda,
será eterna a festa do Natal!

O Pastor Que Não Foi

(Uma história imaginária — como podia ter acontecido)

Numa bela noite, há muitos séculos, quatro pastôres guardavam seus rebanhos nas proximidades de Belém. Samuel, Ezra e Joel eram já homens que possuíam rebanhos. Davi, um menino de faces rubras e olhos brilhantes, cuidava do rebanho do opulento velho Abraão.

Os quatro rebanhos descansavam calmos na planície; os pastôres envoltos em suas capas, deitados, conversavam.

"Samuel", disse Davi; "não estás contente por guardares o rebanho em Belém em vez de em algum outro lugar distante?"

"Por que fazes essa pergunta, Davi?" replicou Samuel sonolento.

"Porque é em Belém que o Rei pelo qual procuramos deve nascer. Sòmente hoje descobri isso lendo os Profetas."

"Você ouviu alguma coisa sôbre isso?" perguntou Ezra.

"Não", replicou o menino. "Ouço essa história contada por mamãe desde pequenino. Mas hoje pela primeira vez eu li com meus próprios olhos. Samuel, achas que teremos o privilégio de ver o Rei prometido?"

O velho homem respondeu tristemente. "Eu não sei. Temos esperado tanto. Mas Êle virá algum dia; sim! Êle virá. Por que perguntas isso agora, meu menino?"

"Talvez por haver eu lido justamente hoje. Não consigo desviar êsse assunto da minha mente. Samuel, eu iria até o fim do mundo para ver o menino Jesus."

"Bem, não precisas iniciar a jornada agora", brincou Ezra. Joel acrescentou: "Vai dormir, menino; a hora está adiantada."

Era muito mais tarde quando êle conseguiu fechar os olhos para dormir; sua cabeça estava cheia das histórias que a mãe lhe contara.

De repente, como se algo luminoso os tivesse tocado, os pastôres egueram-se, Davi pôs-se de pé. Havia uma grande e forte luz; ouviram então uma voz do céu:

"Não temais: pois eu vos trago novas de grande gôzo, que será para todo o povo. A vós é nascido na cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo o Senhor. E eis para vós o sinal: Encontrareis a criança envolta em panos, deitada em uma manjedoura."

Vozes celestes cantavam: "Glória a Deus nas maiores alturas; paz na terra, e boa vontade entre os homens."

A luz apagou-se; as vozes cessaram. Tudo se fêz silencioso.

Samuel falou: "Um fato maravilhoso se deu. Os anjos falaram-nos. Vamos! Vamos!"

"Vamos? Para onde?" perguntaram Ezra e Joel.

"Ora, a Belém ver a criança. O anjo não nos deu o sinal? Vamos encontrar a criança numa manjedoura."

Os três pastôres prepararam-se. Davi permanecia em seu lugar. "Eu não posso ir", disse êle.

"Que é isso? Ainda há pouco, dizias estar pronto a ir ao fim do mundo para ver o menino Rei?!" Exclamou Samuel.

"Eu iria mesmo!" respondeu Davi. "Mas as ovelhas... Não podemos deixá-las só."

"Elas serão guardadas", disse Samuel. "Os cães vigiarão; não há lobos esta noite. Vamos!"

Porém o menino permanecera firme. "Abraão é severo. Já tenho sentido as vergastadas do seu cajado. Mas não é isso também que me segura. É isto: eu dei a minha palavra de não faltar ao rebanho, por motivo algum, à custa de minha própria vida. Eu tenho que cumprir minha palavra. Podeis ir sem mim."

Davi viu-os descer a colina. Como destruir o sonho que vinha alimentando de ver o menino Rei! "Eu irei!" exclamou êle. Mas alguma coisa o segurou. Lágrimas de desapontamento e tristeza vieram-lhe aos olhos.

Ouviu nesse instante o ladrar do cão. Num momento, com um grito de alarma, êle estava de pé atento. Davi sentiu que o perigo se aproximava. O rebanho estava em pânico. Davi podia ver algumas formas cinzentas. Lobos! Subindo a uma rocha, e movendo a sua capa em círculos sôbre a sua cabeça, êle deu o chamado familiar que lhe reuniria o rebanho. Um por um, foi chamando-os pelo nome. Tôdas estavam ali, menos uma: Ke-

barbara. Davi subiu mais no alto e chamou: Ke-barbara! Ke-barbara!"

Uma fraca resposta veio das rochas em baixo. Davi correu para lá. As pedras não eram firmes, e êle quase não conseguia descer. Agarrando-se aqui e ali conseguiu chegar a salvo no lugar; mas viu dois lobos perto da ovelhinha ferida. Um, assustado fugiu; mas o outro saltou sôbre Davi e enterrou-lhe os dentes num dos braços e depois na perna. Na segunda investida porém, Davi defendeu-se com o cajado e conseguiu livrar-se.

Seus próprios ferimentos faziam-no sofrer; mas êle disse: "Êles feriram você, Ke-barbara. Mas estou aqui para ajudá-la. Ponha a sua cabeça em meu braço." Êles, devagar, fizeram a subida para a colina rochosa. Foi uma jornada penosa. A perna machucada de Davi estava quase imobilizada; seu braço era fraco; a ovelha ferida, pesada.

Quando chegaram ao lugar onde estava o rebanho, Davi caiu exausto.

O velho Abraão e dois servos seus subiram à colina. Ao ver o rebanho sem o pastor, ficou furioso. "Aquêle menino vagabundo abandonou meu rebanho. Que valor dá êle à sua palavra! Prometeu cuidar do rebanho à custa de sua própria vida. Hei de encontrá-lo; dar-lhe-ei alguma coisa de que nunca mais se esquecerá."

Quando descobriu Davi, ergueu o cajado para bater-lhe. "Dormindo e com o sol alto!" E então viu o braço que sangrava e a ovelha ferida ao lado. O velho Abraão deixou cair o braço ameaçador; sentiu-se enternecer. "Ah, Davi, você não faltou a sua promessa, não é mau rapaz? E eu quase lhe bati. Perdoe-me, Davi!"

E êle ordenou aos seus servos que carregassem Davi e o levassem à hospedaria onde êle pudesse receber tratamento. Abraão mesmo ficaria cuidando do rebanho.

O servo inclinou-se. "A hospedaria está repleta; não há lugar, senhor. Talvez possamos arrumar um lugar na estrebaria", disse êle.

Assim levaram Davi e prepararam-lhe um leito de palha no estábulo, o mais confortável possível. Quando afinal êle voltou a si, ouviu um chorinho fraco; Samuel estava ao seu lado.

"Que é isso?" perguntou Davi.

"É a criança de quem os anjos nos falaram", respondeu êle. "Encontramo-la aqui, numa manjedoura."

"E eu não posso vê-la?" perguntou Davi.

"Sim, podes!" E Samuel trouxe a criança e deitou-a nos braços de Davi; o Cristo por quem o povo esperava milhares de anos. E assim, por todos os seus dias, Davi era conhecido entre os pastôres, como aquêle que tivera o menino Jesus em seus braços. E nenhum outro entre êles era conhecido tão bravo, gentil e sábio como o pastor que não foi.

A Estrêla de Belém (*Continuação da pág.* 286)

que receber". Conheceis vós alguma pessoa pobre e necessitada, a quem possais ajudar para que, neste Natal, tenha tantos motivos de gôzo e de alegria como vós outros tendes? Seria muito lamentável, não é verdade? — se as festas de Natal viessem apenas para nos fazermos mais egoístas e para pensarmos sòmente em nosso próprio gôzo e bem-estar. As pessoas mais felizes do mundo são as que têm aprendido esta grande lição do Natal e que se esforçam para que a humanidade seja melhor e mais venturosa. Cristo veio para nos mostrar a maneira de sermos melhores e como podemos fazer o bem; veio para nos salvar do mal e nos tornar bons para com Deus, para com o próximo e para conosco próprios. Vamos, pois, todos a Êle "para têrmos vida", isto é, para vivermos a verdadeira vida de Deus.

PÁGINA DOS LEITORES

do *Bem-Te-Vi*

Amor com amor se paga

UMA menina chamada Sandra gostava muito de cachorrinhos; seu pai prometeu dar-lhe um. Mas como fôsse trabalhar e voltasse sempre tarde, viu-se impossibilitado de satisfazer o desejo da filhinha tão querida.

Certo dia, quando voltava do colégio, Sandra presenciou um quadro: dois meninos maus obrigavam um frágil cachorrinho a carregar uma lata amarrada com uma vara de marmelo. Sandra, então, aproximou-se dos meninos e tomou-lhes a vara, pedindo-lhes que não fizessem isso com o cachorro porque Deus não gosta que os meninos sejam maus. Ela pediu o cachorro para ela. Levou o cachorrinho para casa, deu-lhe um banho e um prato de comida pois êle se encontrava faminto. Deu-lhe um nome bonito, Polly.

Passaram-se os dias e o Polly tornou-se grande amiguinho de Sandra; nas horas de folguedos, lá estava no jardim a correr e a brincar.

Certo dia, pela manhã, ela foi à praia levando consigo o cachorrinho e um barquinho de brinquedo que seu tio lhe dera. Ao chegar, pôs-se a brincar na água com o barquinho; ela estava tão contente, pois o barquinho andava sôbre as águas como se fôsse de verdade. Mas em dado momento veio uma onda mais forte e levou o barquinho. Sandra pôs-se a chorar.

Polly, vendo o perigo em que se encontrava o barquinho, para surprêsa de todos foi nadando ao encalço do brinquedo; conseguiu a muito custo trazê-lo para a praia. Sandra apanhou o brinquedo e apertou Polly contra o coração. Um dia ela salvou o cachorrinho dos meninos maus e o cachorrinho, como que agradecido, não deixou que o barquinho naufragasse através das ondas do mar.

Sim, meus amiguinhos: Jesus não consente que o pecador naufrague por isso Êle morreu na cruz do calvário para nos salvar.

Eunice da Silva
14 anos

Falando com vocês

Aureliano Lino Pires

A ESTRÊLA DE BELÉM

"Vimos a sua estrêla."
(Mateus 2:2)

ESTAMOS chegados à época de Natal e todo mundo está celebrando o nascimento do Salvador. Foi tão gloriosa a sua vinda à terra, que teve de ser anunciada por meio de anjos, e os magos foram guiados até Belém por uma estrêla do céu. Que poderemos aprender nós outros desta estrêla de Belém? Muitas coisas, como iremos já ver.

Aprendemos em primeiro lugar que, se nos dispomos a buscar a Jesus, seremos guiados de tal modo que o acharemos. Naturalmente, nestes nossos dias, não iremos esperar que seja por intermédio de uma estrêla. De qualquer maneira, Deus nos guiará e nos conduzirá ao Salvador, se realmente o desejamos encontrar. Foi Êle mesmo que disse: "Aquêle que busca, acha". Desejaríeis vós achá-lo e tê-lo por vosso Amigo e Redentor? Deus vos guiará, pois, talvez por intermédio de vosso pai ou de vossa mãe, por meio de um mestre, de um amigo ou pela influência da leitura da Palavra de Deus ou pela direção do Espírito Santo. Ninguém que realmente deseje encontrar-se com o Senhor, fracassará em seu intento.

Ao contemplarmos a estrêla de Belém nos recordamos do grande amor que Deus tem pelos seus filhos. Êle enviou a Cristo para salvar-nos, porque "De tal maneira amou ao mundo". O mundo não quis ser salvo e crucificou a Jesus, quando Êle veio; entretanto, Deus amava mais aos homens do que êles a si mesmos se amavam. A estrêla pertencia a Cristo. Êle foi quem a fêz. Êle vivia no céu muito além das estrêlas, rodeado de anjos, em perfeita felicidade, com seu Pai. E tudo deixou quando desceu à terra, onde veio a ser odiado, maltratado e morto pelos homens a quem Êle desejava salvar.

Não nos pedirá Êle alguma vez que façamos algum sacrifício ou que renunciemos a alguma coisa por amor dêle? Quando assim suceder, lembrai-vos de tudo quanto Êle abandonou por amor de vós. Temos nós as nossas dificuldades e os nossos sofrimentos? Recordemos tudo quanto Êle teve de sofrer, por amor de nós mesmos. E Êle nada havia feito que merecesse sofrimento, ao passo que nós, sim. Neste agradável tempo de Natal, pensemos em Jesus como o mais precioso dom de Deus, de valor mais alto do que tôdas as nossas posses e riquezas e do que todos os nossos amigos, e sempre façamos o possível por nos lembrarmos que, se temos a Êle, somos ricos e mais do que ricos, mesmo que não possuamos riquezas neste mundo.

A estrêla de Belém serviu de guia àqueles que vinham a Jesus com presentes de ouro, incenso e mirra. Acudiram a Cristo, não apenas para dêle receberem alguma coisa, mas também para lhe oferecerem alguma coisa. O Natal nos deve recordar que devemos aceitar a Cristo, que nos veio do céu para nos salvar, e é também magnífica oportunidade de lhe oferecermos, como também ao nosso próximo, uma parte das nossas posses.

E' muito agradável receber presentes de Natal, mas foi Jesus quem disse: "Mais bem-aventurado é dar do

(*Cont. na pág.* 284)

A árvore de Natal que falava

PAULINHO ajoelhou, fêz sua oração, e saltou para cama. "Eu espero estar bem acordado quando o Papai Noel chegar", disse êle.

Paulinho e sua irmã Cinira haviam enfeitado a árvore; estava ao lado da lareira produzindo um efeito maravilhoso.

Havia cordões de pipocas; um Papai Noel também; e aqui e ali um balão de ar — vermelho, amarelo, verde ou azul. Êle havia assoprado as bolas ou os balões até ficarem bem cheias e redondas. Tinha mêdo até que elas estourassem. Bem no tôpo da árvore, colocaram uma grande estrêla.

"Eu gostaria de poder ficar acordado a noite inteira", pensou Paulinho suspirando. "Mamãe me mandou para a cama; eu não consigo dormir, apesar da grande tentativa. Eu espero que Papai Noel me traga algo interessante; esforcei-me por ser bonzinho, especialmente hoje; só desobedeci acho que uma ou duas vêzes. Vou ficar deitado bem quieto, o mais quieto possível." E êle fechou os olhos e num instante estava dormindo.

Então êle ouviu um cochicho; e não vinha de muito longe. "Papai Noel não quer vir esta noite", era o que pareciam dizer.

"Eu, se fôsse Papai Noel, não viria mesmo", disse outra voz.

"Eu descubro quem está falando", pensou Paulinho. Nesse instante ouviu pronunciarem-lhe o nome.

"Êle não pensou nos outros quando enfeitou esta árvore de Natal."

Paulinho parou fora da porta. "Gente! êles falam de mim!"

Êle entrou na sala e escondeu-se. Lá, um balão de ar, pendurado na árvore de Natal, estufado como uma lua cheia, falava para uma das pipocas dos cordões, numa voz estridente: "Êle, às vêzes, nos toma para brincar, e muito raramente dá oportunidade à Cinira. Êle nos assopra naturalmente só por gostar de assoprar; e quando o faz, parece que não vai parar mais. Fica tão engraçado que eu rio, rio, até quase me rebentar. Suas faces ficam tão inchadas, redondas; imagine o seu desapontamento se eu desaparecesse de sua vista, diante de seus olhos! Nós, os balões, damos aos meninos e meninas uma grande parte de alegria e felicidade. Paulinho só pensa em si, no que vai ganhar; êle não sabe que *dar* faz a gente mais feliz ainda!"

Um grão de pipoca sorriu e disse:

"Nós sempre trabalhamos juntos; tomamos sol na bela estação de verão; pelo Natal, cá estamos prontos a cooperar. Aqui nós dançamos e rimos até que conseguimos plantar a alegria no rosto de alguma criança, menino ou menina."

O Papai Noel ergueu a voz e disse: "Como vêem, eu sou apenas um brinquedo; mas o Papai Noel mesmo traz felicidade a todos os meninos e meninas. E o que seria o Natal sem um Papai Noel?"

"Papai Noel virá", a árvore disse; "êle não falha nunca, eu sei; o amor não pode falhar; e não há lugar aonde êle não vá."

Então, de repente, sôbre êles, como vindo de muito longe, uma voz suave falou; era a voz de uma estrêla de prata: "Foi uma estrêla como eu, que brilhou na primeira noite de Natal. Nenhuma outra estrêla jamais foi vista, assim tão maravilhosa e bela. Todos vocês são necessários para se ter um Natal alegre e belo; e Papai Noel, de um modo todo especial."

Todos os enfeites da árvore voltaram-se para a estrêla no alto. "Papai Noel é o espírito do *amor*, o espírito do *dar*. Mas lembremos todos", e a voz tornou-se doce e terna; "isto é o aniversário de uma criança que, numa noite, há muito, muito tempo, foi enviada à terra para abençoá-la com tudo o que era verdadeiro e bom; para ensinar a alegria de dar; para implantar o amor e a fraternidade.

Os magos trouxeram-lhe presentes que foram colocados ao lado do seu leito; e crianças ainda podem dar-lhe presentes, pois, como sabemos, Êle disse: "Tudo o que fizerdes aos outros, fareis a mim". Assim, tôda a dádiva, grande ou pequena, que está numa árvore de Natal, é também para o menino Jesus; nisso, Êle tem a sua parte. E uma criança pode dar seu amor a Êle; pode dar o seu coração confiante. A estrêla tornou-se mais brilhante.

Paulinho piscou. "E' um sonho! Um sonho! Cinira! Cinira! Acorde! Corramos para a árvore! Vamos ver quem chega primeiro." E sorrindo, deixou que a irmãzinha passasse na frente. Sim, sim, Papai Noel havia passado por ali. Havia presentes que êle sabia serem para êle; e outros para serem repartidos. Uma bicicleta estava ao lado da árvore; êle tocou-lhe as rodas com orgulho, e então disse à Cinira: "Logo mais vou levá-la passear". Êle deixou-a abrir seus pacotes primeiro; repartiu os seus doces também, e foi bondoso com todos que encontrava durante o dia todo. A noitinha, pensou: "Nunca me senti tão alegre; êste foi o melhor Natal que já tive".

E antes de ir para cama, olhou para o firmamento e quando encontrou a estrêla mais brilhante, disse com um suspiro de felicidade: "Apesar de tarde, eu sei, ainda quero dizer: Feliz aniversário Jesus. Graças a ti pelo dia de hoje".

Uma Bicicleta para Dois

O ANJO da árvore de Natal abriu as asas para equilibrar-se e poder ver bem o que se passava na sala. Os ramos verdes do pinheiro estavam enfeitados com bolas vermelhas, amarelas, verdes, azues... Em baixo, no chão, uma pilha de pacotes, presentes que a família ia dar, um ao outro.

"Natal!" suspirou o anjo feliz. "Eu não me importo de ficar fechado numa caixa o ano todo para sair sòmente agora, numa época tão linda, tão festiva, e de tanta significação como é o Natal!"

Nesse instante as crianças entraram na sala.

"Vejam os presentes!" gritou Pedrinho. "E esta noite ainda Papai Noel vai trazer-nos mais!"

"Eu espero que êle me traga a bicicleta", disse Susana. "E eu quero uma bicicleta vermelha!"

"Minha bicicleta", replicou Pedrinho. "Mamãe disse que êle provàvelmente traga uma só; e então, ela será minha!"

"Eu escrevi a carta primeiro, por isso ela é minha!" teimava Susana.

"E que vai você fazer com uma bicicleta?" zombou Pedrinho. "Só as meninas mocinhas que usam andar de bicicleta aqui."

"E' minha... minha! E' minha, já disse!" gritava Susana com todos os pulmões.

"Crianças!" era a voz da mamãe à porta. "Brigando na véspera do Natal! Que vergonha! E' hora de irem para cama; vamos depressa, um de cada vez."

O anjo da árvore retirou os dedos dos ouvidos. "Oh, que horror! que horror!" exclamou triste. "Umas crianças com tantas oportunidades e vão começar o dia de Natal discutindo sôbre os presentes de Papai Noel."

O pai das crianças entrou na sala e apagou as luzes. Parecia ao anjo que a árvore se tornou triste como êle es-

tava também. "Eu tenho que fazer alguma cousa", disse o anjo consigo mesmo. E fechou as asas, pensando, pensando. Depois de pensar por um longo tempo ela chamou uma das fadas do sonho que passeava no meio dos presentes, para vir até o tôpo da árvore para conversarem. Depois de planejarem, a fada dos sonhos voou para o quarto das crianças. E o que aconteceu depois foi deveras interessante.

Pedrinho tomou sua bicicleta nova e correu para a estrada. Um grupo de meninos e meninas lá estava quando Pedrinho chegou, quase todos com bicicleta; alguns traziam patinetes. Todos brincavam em grupos. Às vêzes de dois em dois, um cada vez. Pedrinho descobriu um lugar onde êle pudesse ficar mais só, isolado dos outros. Não queria que ninguém viesse pedir a sua bicicleta. E lá se foi êle caminho abaixo! E como êle corria! Que delícia! No fim do caminho estava uma menina esperando por sua vez. Um menino passou na frente de Pedrinho e lá chegando entregou a bicicleta para a menina e êle ficou no lugar dela esperando de novo a sua vez.

"Eu estou contente porque esta bicicleta é só minha!" pensou Pedrinho. "Não têm graça a gente ficar parada esperando enquanto outro goza com a bicicleta."

Duas ou três vêzes mais êle passou por aquêle mesmo lugar. O menino e a menina pareciam se divertir muito. Havia outras crianças brincando em conjunto; Pedrinho começou a sentir-se isolado brincando sòzinho.

"Quer correr comigo?" perguntou êle a um menino que ali estava. Mas o menino nem deu ouvidos e continuou no grupo em que estava. Então vinha um menino com uma bicicleta bem velha. "Você pode andar na minha bicicleta nova", ofereceu Pedrinho.

"Obrigado", respondeu o menino; "esta mesma serve!" e dando um impulso desceu contente o caminho. Desapontado, Pedrinho foi atrás. Outras crianças riam, brincavam, conversavam, faziam corridas... Divertiam-se, enfim. Ninguém parecia notar a presença de Pedrinho. Êle levou a sua bicicleta para um outro ponto onde havia uns sete ou oito meninos e meninas que combinavam um passeio de bicicleta a um lugar muito bonito.

"Eu posso tomar parte no passeio?" perguntou Pedrinho delicadamente. Mas o chefe do grupo respondeu: "Não, você brincou com sua bicicleta sòzinho." E saíram dali.

"Eu gostaria que Papai Noel não a tivesse trazido", disse êle de mau humor à bicicleta. E deu-lhe um empurrão tal que ela foi bater de encontro a uma árvore, fazendo-se em pedaços.

Pedrinho acordou com um tal pulo que teve a impressão de ter sido empurrado por alguém. Então lembrou. Era o Natal! A manhã do Natal! E que sonho terrível êle tivera! Um sonho horrível! Êle saltou da cama, calçou os chinelos e correu para a sala. Susana devia ter acordado à mesma hora, pois quase se encontraram numa trombada na escada. Chegaram juntos na sala. Lá estava a árvore; as luzes acesas brilhavam sôbre os presentes, com especialidade sôbre uma bicicleta vermelha.

"Uma bicicleta", Susana disse muito calma, como se não tivesse certeza que era sua.

E Pedrinho disse: "Uma bicicleta", quase triste. Então exclamou: "Eu sei agora Susana! Você pode ser a primeira a usá-la."

"E então poderemos brincar de *um por vez* e juntos nos divertiremos", respondeu Susana.

Mais tarde, depois de haverem recebido e visto todos os presentes com mamãe e papai, Pedrinho contou a Susana o seu sonho terrível; e Susana achou engraçado, pois o seu sonho havia sido exatamente igual.

Mas o anjo da árvore de Natal sorriu satisfeito.

O milagre havia se realizado.

Os três Camelos

(Uma história da Índia)

HAVIA uma vez, na Índia, três camelos de brinquedo, pintados igualmente de verde, prêto e amarelo: um camelo grande, um médio, e um pequeno.

Estavam os três camelos numa vitrina de brinquedos, numa prateleira especial. A casa de brinquedos, uma barraca, pertencia a um velhinho muito bondoso, alegre e sorridente. Êle vendia uma variedade de brinquedos: cornetas, bichinhos, bolas, bonecas... Mas entre todos, o que êle mais apreciava, eram os três camelos de côres iguais e tamanhos diferentes. Por isso êles estavam bem na frente, num lugarzinho especial e bem visível a todos.

Um dia o velhinho sorriu com o melhor dos seus sorrisos. Sabem por quê? Via chegando à sua barraca uma menininha com a governante. E êle gostava demais de crianças.

A menininha vestia-se de verde e amarelo; trazia ao redor do pescoço uma corrente dourada. Seus bracinhos estavam adornados com pulseiras delicadas. Suas faces eram de um moreno delicado. Seu nome era Sita.

Quando ela viu o velhinho ao lado da barraca de brinquedos, ela sorriu para êle; mas quando viu os três camelinhos na prateleira, bateu palmas de alegria e entusiasmo. "Oh, Babá!" disse ela. "Por favor, compre-me um camelo, aquêle grande! Compre-me, por favor!"

A governante fêz-lhe a vontade. Sita agradeceu ao velhinho, e saiu levando com carinho o camelo aconchegado ao peito.

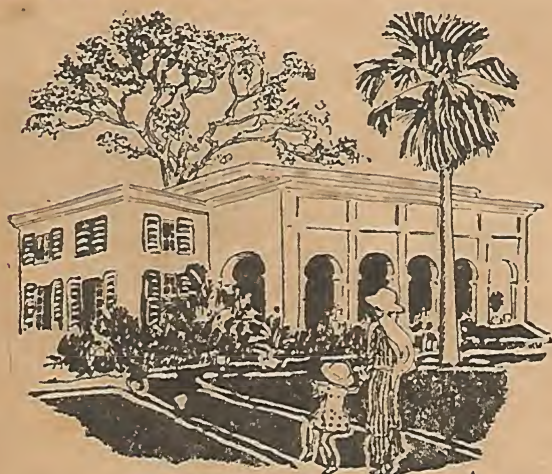
E então, lá ficaram sòmente dois camelos pintados iguais e de tamanhos diferentes na prateleira principal.

No dia seguinte, o velhinho descansava calmamente ao sol. De repente acordou de um salto com uma vozinha chilreante de criança que dizia: "Oh! os camelos! Que encanto! Que amor!" E quando abriu os olhos, viu uma outra menina, com sua mãe, em frente à barraca de brinquedos. Esta menina vestia-se de branco; o

chapéuzinho e os sapatos eram brancos também. Suas faces eram claras e rosadas. Seu nome era Súzie.

"Mamãe, por favor, compre-me aquêle, por favor mamãe!" E a menina apontava ansiosa para o camelo de tamanho médio. Então mamãe com-

prou-o. Súzie agradece ao bom velhinho, tomou o camelo e saiu contente e feliz, com o brinquedo aconchegado carinhosamente ao peito.

E então, lá ficou sòmente o camelo pequenino na prateleira principal da barraca de brinquedos.

Súzie morava numa belíssima casa com um gramado na frente e um enorme terraço cheio de plantas verdes e mimosas. Era o lugar mais lindo do mundo para as crianças brincarem.

Num canto do terraço, Súzie arromou a casinha das bonecas; no outro lado, uma barraquinha parecida com a barraca de brinquedos onde fôra comprado o camelo; num terceiro canto, Súzie estava construindo uma casa de bloquinhos para o seu camelo morar. Justamente quando estava colocando o telhado, ouviu passos no terraço. E quem pensam vocês que ia chegando para alegria de Súzie?

Era a menina vestida de verde e amarelo! Um dia por semana Sita vinha com sua governante brincar com Súzie. E neste dia, ela trazia aconchegado ao peito, o seu camelo, o grande.

"Oh!" exclamou alegremente a Súzie. "Eu tenho um camelo como êsse. E' menor do que o seu. Façamos uma casa para o seu camelo também. Como se chama êle?"

"Ainda não tem nome", respondeu Sita.

"Não acha que Ginger é um nome bonito para êle?" perguntou Súzie; "o meu chama-se George."

E então, com tôda a camaradagem, construíram juntas uma casinha para Ginger e George.

Depois, com ramos de trepadeira que crescia na varanda, improvisaram arreios com rédeas bem compridas, e prenderam-nos a George e Ginger.

"Agora precisamos de um carro", sugeriu Sita.

"Encontrei um", respondeu Súzie. E correndo no seu caixote de brinquedos, trouxe de lá a metade da casca de um côco. Havia um buraco por onde elas passaram as rédeas. Assim os camelos, atrelados ao carro, fica-

ram prontos para puxá-lo ao redor da varanda.

Muitas vêzes, quando Sita vinha brincar com Súzie, o pai desta aliava-se ao brinquedo. E elas amarravam uma como que rédea ao pescoço do pai, e as duas montadas às suas costas imaginavam que cavalgavam um camelo de verdade.

Os dias foram-se passando. O Natal estava próximo.

"Mamãe", disse Súzie; "é certo que vamos ter uma árvore de Natal, não é"?

"Sim", respondeu a mamãe; "e vamos convidar Sita para vir também e gozar da nossa árvore."

Assim, no dia de Natal, lá estava uma bela árvore armada, com velinhas brilhantes, bonitos brinquedos e uma bela estrêla brilhando no alto.

Sita veio para ver a árvore, e trouxe Ginger consigo. A governante lá estava também. Mamãe e Súzie estavam contentes. Súzie carregava George com carinho.

"Onde está seu papai?" perguntou Sita a Súzie.

"Êle foi à vila ver um homem que está doente", respondeu Súzie. Nesse instante a porta se abriu, e entrou o papai, carregando nos braços uma pequena garotinha morena. Ela vestia um casaquinho amarelo e abraçava-se ao pequenino camelo pintado de verde, amarelo e prêto. Oh!" exclamaram Sita e Súzie ao mesmo tempo. "Aquêle camelinho! Como se chama êle?"

"Gunga", respondeu a menina.

"Seu pai comprou-lhe na barraca de brinquedos", disse o pai. "Sakena

veio para ver a árvore de Natal porque seu pai está doente."

E Sakena, escorregando dos braços do pai de Súzie, correu para perto da árvore de Natal.

"Se vocês colocarem os três camelos na mesa", disse a mãe, "poderão ajudar-me a arrumar os brinquedos e fazer recortes." Assim êles colocaram Ginger, George e Gunga sôbre a mesa debaixo de um quadro de Natal.

Súzie olhou para o quadro. "Vejam, naquele quadro estão também três camelos", disse ela.

"Eu conheço a história", continuou Sita. "Três sábios viajaram em camelos para ver o menino Jesus; trouxeram-lhe ricos presentes. Foram guiados por uma grande estrêla no céu."

"Há muita cousa bonita na nossa árvore de Natal, inclusive uma grande estrêla bem no alto", disse Súzie. "Mamãe disse que é hoje o aniversário de Jesus. Oh, eu espero que haja uma boneca para mim."

E havia mesmo uma bonequinha para cada uma das três meninas, e uma lembrança para cada um dos presentes.

Vocês podem ver todos dançando alegres em volta da árvore do Natal.

E as três menininhas disseram a Ginger, George e Gunga: "Não foi mesmo um feliz Natal?"

SINOS do NATAL

LÁ NO alto da tôrre estavam os sinos do Natal. Foram colocados lá desde muitos, muitos anos. Em cada dia de Natal êles tocavam música muito, muito linda. Um dia, um dos sinos pequenos se quebrou e não podia tocar mais. Um outro sino pequeno foi colocado em seu lugar. O Natal se aproximava. "Que farei? Eu não sei tocar a música do Natal; não sei, não sei como tocar", disse o novo sino.

"Não te importes", disseram os outros sinos; "tu saberás quando chegar a ocasião. Escuta e aprenderás."

Assim o novo sino esperou e escutou. A rua, lá ao longe, estava repleta de pessoas que iam e vinham para cá, para lá, em tôdas as direções. À noite, a rua estava plenamente iluminada; luzes nas janelas; luzes nas vitrinas; luzes nos carros e automóveis...

Mas o pequeno sino gostava mais de observar o povo que passava para ouvir o que diziam; esperava aprender a tocar no dia de Natal. Um velhinho passava. Era, talvez, algum vovô. Seus braços estavam cheios de pacotes. O pequeno sino pôde ouvi-lo dizer: "Tenho aqui alguma cousa para João e o nenê; e êles não vão ter uma surprêsa?" E o vovô ria feliz. Então passaram alguns meninos e meninas em caminho da escola falando e rindo juntos.

"Oh! eu tenho um presente para mamãe e um para o papai", disse um. "E eu tenho um presente para vovó", disse outro.

O novo sino ouvia-os conversar animadamente sôbre os presentes, sôbre o que iam dar.

Logo mais passava uma boa mãe com a felicidade irradiando em seu rosto, mal podendo carregar os pacotes que trazia. Havia alguma cousa para cada um de casa — papai, irmãos, irmãs, nenê... O novo sino observou-os, escutou-os e pensou:

Finalmente chegou o dia do Natal; e os sinos começaram a tocar.

Todo o povo parou a escutar a bela música dos sinos. Então o sino pequeno e novo descobriu o que devia dizer, e começou a tocar:

"Amar — Dar
Amar — Dar".

E todos os outros sinos tocaram o mesmo:

"Amar — Dar
Amar — Dar".

O DESEJO de LULU

A LOJINHA de animais estava fechada. Era uma noite linda e calma. O céu recamado de estrêlas que pareciam dançar e cantar: "Depois de amanhã é o Natal!"

Mas lá num cantinho da loja, estava um cãozinho. Todos os animais foram vendidos. Êle lá ficara sem poder ver o movimento das festas. Chamava-se Lulu, porque ela lanudinho e pequeno. Mas não era tão engraçadinho como os outros. Seu pêlo era pardo, as orelhas, caídas. Agora êle chorava porque ninguém o procurava para presente de Natal.

De repente, naquele silêncio, ouviu o som de uma voz que dizia baixinho: "Não chore assim; as cousas não vão tão mal como você pensa".

Lulu saltou do cantinho em que estava, assustado, e viu lá no meio da palha um ratinho cinzento.

"Eu sou o Rato Aquibaldo; sem dúvida alguma, vejo-o em dificuldade. Creio que posso ajudá-lo."

"Bem — eu queria dar alegria a alguém como presente de Natal", disse Lulu; "mas ninguém ainda me comprou. Os meus companheiros todos já se foram... E depois de amanhã já é o Natal!"

O ratinho aguçou o ouvido. "Você tem um problema, é verdade; mas acho que podemos fazer alguma cousa. Há solução. Naturalmente você tem-se retraído por notar que não é tão engraçadinho como gostaria de ser. Estou certo?"

"Sim", disse Lulu curvando a cabeça.

"Então, você tem de mostrar-se mais contente, mais animado, mais feliz", disse Aquibaldo. "Assim, amanhã, quando o movimento começar na rua, não fique aí nesse canto, triste e choroso. Coloque

as patinhas na janela, sorria e diga 'Feliz Natal' em seu estilo canino. Antes do fim do dia — espere e verá — você estará debaixo de alguma árvore de Natal!"

E com um gritinho peculiar, disse: "Até logo!"

"Até logo!" respondeu Lulu. "Por certo eu vou tentar."

Quando a rua começou a movimentar-se no dia seguinte, o pequeno Lulu lá estava na vitrina com um sorriso tão brilhante e tão cheio de felicidade que uma senhora disse: "Vejam que amorzinho! E' justamente o que queremos dar ao nosso filhinho".